



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UM DIÁLOGO AFROFUTURISTA

Eixo Temático: **EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE**

Forma de Apresentação: **RELATO DE VIVÊNCIA**

Janafna da Conceição Santos Dias Almeida¹

Katyuscya Ferreira Barreto²

Maura Evangelista dos Santos³

Mateus Dumont Fadigas⁴

RESUMO

O presente relato intenta apresentar o processo pedagógico desenvolvido na oficina “Mulheres Negras na Ciência”, a fim de contribuir para uma educação das relações étnico-raciais, no contexto do ensino de Ciência na educação básica. Para isso, teceu-se um diálogo afrofuturista descortinado por meio de uma prática de ensino planejada, em parceria, por duas escolas estaduais da Bahia.

Palavras-chave: Afrofuturismo. Mulheres Negras. Ciência.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, tivemos um papel expressivo da mulher na ciência e as contribuições legadas por elas na construção desse saber se manifestaram nas mais diversas áreas do conhecimento. Contudo, por vezes, essa participação ativa, de autoras do processo, lhes foi negada, colocando-as à sombra de uma figura autoral masculina.

Se levarmos em conta toda a invisibilização imposta às mulheres, especialmente às cientistas, perceberemos um movimento excludente ainda maior daquelas que são negras. Além de toda disparidade no direito de acessar o conhecimento e construir saberes, aquelas que abriam fendas no sistemas e conseguiam romper as barreiras eram silenciadas e completamente desvalorizadas no meio acadêmico.

O fato é que mulheres negras foram duplamente apagadas da história da ciência e das narrativas criadas pelas “indústrias do futuro”, por serem mulheres e por serem negras. Esse processo de apagamento e de omissão das conquistas de cientistas negras inibiu “as possibilidades de um futuro negro para a ciência” (FADIGAS *et al*, 2019).

Ainda que, nos últimos anos, seja crescente o movimento de reparação às injustiças praticadas contra o povo negro, a educação das relações étnico-raciais, garantida por meio de políticas antirracistas brasileiras, raramente é praticada nas aulas

¹ Mestre em Educação - UEFS. Membro do GEPLET-UEFS. Professora do CJCC Feira de Santana-BA.

² Mestre em Astronomia - UEFS. Professora do CJCC Feira de Santana-BA.

³ Mestre em Educação - UEFS. Consteladora Sistêmica. Professora do CJCC Feira de Santana-BA.

⁴ Doutorando em Ensino, Filosofia e História da Ciência - UFBA. Vice-diretor do CJCC Feira de Santana-BA.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

de disciplinas científicas da educação básica sob a alegação de que seus ministrantes não se sentem preparados ou não encontram orientações específicas e materiais didáticos adequados (VERRANGIA; SILVA, 2010).

Para superar tais alegações, propõe-se “o uso de narrativas afrofuturistas, articuladas a conteúdos da história das ciências, como plataforma para promover o pertencimento étnico-racial positivo e reeducar as relações étnico-raciais, no âmbito do ensino de ciências da educação básica” (FADIGAS *et al*, 2019, p. 2). O afrofuturismo é um movimento que cria narrativas de ficção especulativa feitas por pessoas negras, protagonizadas por elas e que têm a negritude ou afrocentricidade como temáticas principais (SOUZA, 2019), e possibilita recuperar histórias e culturas negras perdidas e pensar sobre como elas podem inspirar novos futuros (YASZEK *apud* FADIGAS *et al*, 2019).

Dito isto, o objetivo deste relato é apresentar o processo pedagógico que foi desenvolvido na oficina “Mulheres Negras na Ciência”, a fim de contribuir para uma educação das relações étnico-raciais, no contexto do ensino de ciência, na educação básica.

MATERIAL E MÉTODOS

A oficina “Mulheres Negras na Ciência” fez parte de uma ação, pensada por meio de parceria firmada entre o Colégio Estadual José Antonio de Almeida, localizado em Santanópolis–BA, e o Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Feira de Santana–BA, a fim de estimular a construção de identidades negras positivas e engajadas com a criação de um novo futuro para negras e negros na ciência (GOMES, 2012).

A ação, dividida em seis sessões de oitenta minutos cada, aconteceu em dois dias, e obteve participação de, aproximadamente, 90 estudantes da 2ª série do Ensino Médio, subdivididos em grupos de doze pessoas que se revezavam em outras ações que aconteciam concomitantemente a essa aqui relatada.

A atividade foi planejada tematizando narrativas afrofuturistas, associando-as à produção científica e tecnológica de mulheres negras no passado, no presente e no futuro, de modo a levar os estudantes a adotarem uma atitude mais reflexiva face às discussões e aos conhecimentos trabalhados, transformando-os em prática-reflexão. Para isso, fez-se uso de jogo, dinâmica e “palestra”.

No primeiro momento da oficina, os estudantes foram convidados a pensar, a partir de nomes de cientistas sugeridos – representamos o primeiro nome pela inicial seguido pelo sobrenome – quais eram homens ou mulheres, negros ou brancos, e se os feitos atribuídos eram verdadeiros ou falsos. Para eles, a maioria dos nomes eram de homens, brancos; as mulheres apareceram poucas vezes e, majoritariamente, brancas.

Em seguida, dialogamos sobre o papel das mulheres negras na ciência sob três contextos: o da exploração, em que foram usadas como “experimentos científicos”; o da invisibilidade, tendo os seus trabalhos atribuídos a outros; e o do reconhecimento, um movimento de valorização dessas mulheres e suas contribuições ao campo da Ciência.

Como itinerário final da oficina, os jovens estudantes participaram de um jogo no qual precisavam reconhecer, nominalmente, aquelas mulheres e os seus feitos.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção de narrativas acerca de si e as possibilidades de representação e autorrepresentação foram identificadas como forças mobilizadas nas/nos participantes. A ressignificação da imagem e lugar de poder ocupado pelas mulheres na história da Ciência, sobretudo a mulher preta, foram perspectivas criadas e circunstancialmente supridas durante a oficina.

A oportunidade de olhar livre e descolonizado para o presente e as realidades pessoais e coletivas alcançou a turma e colaborou para a ampliação das perspectivas sobre si e o “mundo preto”, impulsionando um caminho afrofuturista. A garantia de acesso a códigos científicos decolonizadores e as narrativas afrofuturistas colaborou para a mobilização de posicionamentos e ideias em torno da importância e papel da mulher nas produções científicas durante a história da humanidade e, sobretudo, da contemporaneidade. Os desafios impostos por estruturas patriarcais e racistas são perceptíveis nos discursos e aparecem, muitas vezes, como ferramentas limitadoras de sonhos e desejos e de acesso, inclusão e participação das mulheres jovens pretas no mundo da Ciência. Ainda assim, houve deslumbre, reconhecimento e perceptíveis sinais de desmistificação diante do panorama científico apresentado com a participação e engajamento de mulheres.

O fato é que nós somos os sonhos de pessoas negras escravizadas que ouviram que era muito “irreal” imaginar que, um dia, elas não seriam chamadas de propriedade. Essas pessoas negras se recusaram a limitar seus sonhos ao realismo e, em vez disso, nos sonharam” (IMARISHA, *apud* SOUZA, 2019). Precisamos dar-lhes e igualmente ocupar, nessa busca por romper padrões e combater preconceitos, um lugar de honra, legando às gerações futuras a oportunidade de vivenciar uma realidade outra.

CONCLUSÕES

As mulheres sempre escreveram sua própria história e contribuição dentro da Ciência; contudo, esse direito de autoria na escrita lhes foi, muitas vezes, negado. Se o contexto social machista silenciou mulheres, brancas, fez muito pior às “pretas” – objetificadas, exotizadas e marginalizadas. A invisibilidade das mulheres negras na Ciência ainda é assustadoramente grande.

Pensar mulheres negras num contexto outro, de protagonismo e de autoria, é quebrar o estigma social, recriar o passado, tentar transformar o presente e projetar um futuro em que mais estudantes, negras e negros da periferia, possam se perceber como potenciais cientistas.

É de fundamental importância que discussões reflexivas como essa deixem de ser pontuais, adentrem o ambiente escolar, ocupem espaços e comecem a possibilitar/criar não apenas lugares de fala, mas também de escuta, visto que momentos em que são oportunizadas discussões/ações reflexivas ajudam a desenvolver não apenas um olhar mais sensível para si mesmo, mas também para o outro e para o mundo.

REFERÊNCIAS



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.

Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98–109, 2012.

FADIGAS, M. et. al. **Afrofuturismo como plataforma para promoção de relações étnico-raciais positivas no ensino de ciências**. Atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Natal, RN, Brasil, 12: ABRAPEC, 2019.

SOUZA, W. G. **Afrofuturismo: O Futuro Ancestral na Literatura Brasileira Contemporânea**. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

VERRANGIA, D.; SILVA, P. B. G. e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de ciências. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 3, p. 705–718, 2010.